

A construção e aceitação dos discursos fascistas no início do século XX

Bruna Teixeira Carneiro

Universidade Federal do Espírito Santo

Vitória - Espírito Santo - Brasil

bruna.es.br@gmail.com

Edufrancys Vieira Sala

Faculdade Saberes

Vitória - Espírito Santo - Brasil

edufrancysl@gmail.com

Resumo: Atualmente, o movimento fascista é um tema bastante polêmico, que gera diversas discussões entre os historiadores. Considerando o grande movimento que se deu dentro da Europa na primeira metade do século XX, tendo sua origem na Itália, se propagando posteriormente para outros países, principalmente para a Alemanha, este estudo busca discutir como diferentes intérpretes dos fascismos europeus explicaram a construção e aceitação dos discursos fascistas e qual é o papel do discurso na compreensão das dinâmicas desses movimentos. Concluímos que Mussolini e Hitler pregavam a mesma ideologia e usavam mecanismos similares em seus discursos para impor suas ideias. Dentre as semelhanças identificadas nos discursos, destacam-se a ênfase na obediência e lealdade como valores essenciais para a nação se reerguer. Além disso, a violência era defendida como um meio de alcançar os objetivos políticos e econômicos, minimizando a gravidade dos atos violentos cometidos.

Palavras-chave: Fascismo. Discurso. Mussolini. Hitler.

Introdução

Atualmente, o fascismo ainda é um tema extremamente polêmico na sociedade, gerando intensos debates entre os historiadores. Considerando o grande movimento que se deu dentro da Europa na primeira metade do século XX, tendo sua origem na Itália e se propagando para outros países, principalmente na Alemanha, e os elementos históricos, como a formação da sociedade e a participação desses países na Grande Guerra, este estudo busca discutir como diferentes intérpretes dos fascismos europeus explicaram a construção e aceitação dos discursos fascistas e o papel do discurso na compreensão das dinâmicas desses movimentos.

Inicialmente, apresentamos uma síntese bibliográfica de trabalhos que anteriormente tomaram como objeto de estudo a formação das ideologias fascistas, bem

como sua ascensão ao poder, tendo como eixo o aparato discursivo mobilizado pelos fascismos. Em um segundo momento, propomos uma análise dos discursos de Benito Mussolini e Adolf Hitler, examinando os caminhos que estes percorreram para alcançar seu objetivo: conquistar seguidores.

Como metodologia, utilizamos a *Análise de Discursos*, examinando o caráter interpretativo e estudando o objeto de investigação em seu contexto natural, tentando assim atribuir sentido aos fenômenos, levando em consideração os significados atribuídos pelos indivíduos. Em relação à seleção e organização do *corpus*, dois elementos são geralmente utilizados: *o recorte e o enunciado*. Dessa forma, segundo Silva e Araújo (2017), cabe ao analista levar em consideração as condições de produção às quais o interlocutor está sujeito ideologicamente e relacionar o discurso com o texto. O campo discursivo é formado pelos discursos de Benito Mussolini e Adolf Hitler. Para isso, utilizamos a perspectiva teórica de Michel Pêcheux (1990) e Jacques Courtine (1999) sobre a *Análise do Discurso*. Courtine (1999) afirma que ao tratar do discurso não se está tratando da língua, “De uma ordem própria, distinta da materialidade da língua, [...] mas que se realiza na língua: não na ordem do gramatical, mas na ordem do enunciável”. Assim, o enunciado pode ser algo mais do que palavras, imagens, e etc. É como “um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte; como um átomo no discurso” (COURTINE, 1999, p. 99).

Nesse sentido, Courtine (2006, p. 6-7) destaca que “[...] o discurso político não pode ser dissociado da produção e recepção de imagens [...] e isso mudou profundamente os modos de subjetivação, regulados por novas práticas”. Dessa forma, é importante salientar que, seguindo as orientações teóricas da *Análise de Discursos*, não devemos deixar de lado a relação do discurso com o sujeito e as práticas sociais, dado que somos sujeitos formados social, ideológica e historicamente e, portanto, os discursos que produzimos refletem essa formação.

É válido destacar que cada fascismo, apesar das similaridades, defendia a sua total originalidade histórica e nacional, “[...] buscando no seu próprio solo e céu as origens de suas ideias. Todos os fascismos foram marcados por um notável historicismo” (SILVA, 2000, p. 123). Dessa maneira, ao aceitarmos as ideias da originalidade nacional, precisamos lembrar que estas eram um dos elementos de base do supremo nacionalismo, pois cada fascismo floresceu e se construiu através do sangue, componente ímpar, incomparável, de alguns poucos, isto é, na ideia de que a identidade nacional era baseada

em uma linhagem sanguínea única e exclusiva. Portanto, os líderes, cada qual da sua forma, utilizaram as vitórias do passado para fortalecer as suas falas.

Nesse sentido, acreditamos que compreender a construção do fascismo ao longo da história é fundamental para identificar e analisar os reflexos de suas práticas e ideias na sociedade atual. Através do estudo da ascensão do fascismo em diferentes contextos, podemos entender como suas ideias foram difundidas e utilizadas pelos líderes para manipular e controlar as massas, bem como as consequências sociais, políticas e econômicas dessas ações.

Somado a isso, salientamos que ainda não existe um conceito de fascismo que seja universalmente aceito. Essa falta de consenso pode ser explicada pela complexidade que envolve o tema, que divide opiniões até nos dias atuais. Nesse sentido, no próximo item aprofundaremos o estudo das diretrizes ideológicas do fascismo, apresentando suas características principais.

O fascismo enquanto doutrina: ideologia e princípios

O fascismo é uma doutrina política que surgiu na Europa no início do século XX, durante a Primeira Guerra Mundial, e teve seu auge na década de 1930, com os regimes totalitários de Adolf Hitler na Alemanha e Benito Mussolini na Itália. Como ideologia, o fascismo se opõe ao liberalismo, à democracia e ao socialismo, defendendo a supremacia do Estado e a coletividade em detrimento dos direitos individuais. Além disso, o fascismo é marcado pela exaltação do nacionalismo, do militarismo e da violência como meios legítimos de alcançar seus objetivos políticos.

De acordo com Carvalho (2007), um dos principais princípios do fascismo é o nacionalismo, que se manifesta na ideia de que a nação é um organismo vivo e que deve ser preservado a todo custo. Para os fascistas, a identidade nacional é uma construção histórica e cultural que precisa ser protegida contra a influência de outras nações ou grupos étnicos. Além disso, o fascismo prega a superioridade da raça ou da cultura nacional em relação às outras, o que pode levar a práticas discriminatórias e genocidas, como ocorreu durante o *Holocausto* na Alemanha Nazista.

Outro princípio fundamental do fascismo é o autoritarismo, que se manifesta na crença de que o Estado deve ter um papel central na vida da sociedade, controlando todos os aspectos da vida pública e privada. Para os fascistas, a democracia e o liberalismo são

fracassos políticos que enfraquecem a nação e impedem o Estado de agir em benefício da coletividade. Nesse sentido, o Estado fascista é totalitário, ou seja, exerce um controle absoluto sobre todos os aspectos da vida da sociedade, inclusive a economia, a cultura, a religião e a educação (Paxton, 2004).

O fascismo como doutrina é marcado por um uso específico da linguagem, que tem um papel fundamental na criação e manutenção do movimento. Segundo Piovezani e Gentile (2020), a linguagem fascista é caracterizada por uma retórica agressiva e emocional, que visa mobilizar as paixões e instintos primitivos do ser humano. Ela é marcada por um vocabulário simplista e reducionista, que busca simplificar questões complexas em soluções fáceis e rápidas. Além disso, a linguagem fascista frequentemente exalta a violência e a guerra como meios legítimos para alcançar objetivos políticos, ao mesmo tempo que desumaniza os grupos considerados inimigos do movimento. Assim, a linguagem fascista é um instrumento poderoso de propaganda e manipulação das massas, permitindo a criação de um consenso em torno das ideias e princípios do movimento.

O Estado totalitário fascista é definido por meio de sua oposição forte ao liberalismo, à democracia, ao socialismo, que buscam sempre respeitar a liberdade, a individualidade e a igualdade. O fascismo defende o interesse da coletividade, onde cada sujeito precisa se inserir e, também, o domínio do Estado. O *socialismo* de Karl Marx também é abominado, já que para o fascismo não há nenhum reconhecimento por parte deste sobre a conexão existente entre corpo social e identidade pátria (CARVALHO, 2007).

Além das suas oposições ideológicas, o fascismo encontrou terreno fértil no contexto europeu da época, pois segundo Furet (1995, p. 202), para seus líderes:

[...] a aprendizagem recebida nas trincheiras: o hábito da violência, a simplicidade das paixões extremas, a submissão do indivíduo ao coletivo, enfim, o amargor dos sacrifícios inúteis, ou traídos. Pois bem, é nos países vencidos no campo de batalha ou frustrados pelas negociações de paz que esses sentimentos encontram seu terreno mais eminente.

Nesse sentido, os países derrotados se encontravam num ambiente mais apropriado para a criação de seus regimes, pois a sua população, além de frustrada devido ao sentimento de derrota, estava vivendo em condições degradantes no período pós-guerra, e com sua economia em colapso.

Esse período foi chamado de “Era das Massas”¹ por alguns historiadores, devido ao fato de que uma característica desses movimentos foi a capacidade de seus líderes de movimentar um grande número de pessoas, tornando um modesto cidadão um sujeito ativo da nação, e o integrando a política, não pela educação e sim pelas recordações de uma guerra perdida. Portanto, “[...] as massas não entram na ação como conjuntos de indivíduos esclarecidos que fizeram um aprendizado progressivo da política moderna [...] elas passaram brutalmente da guerra à paz” (FURET, 1995, p. 202). Dessa maneira, o fascismo se apresentava como uma alternativa radical e sedutora para muitos indivíduos que buscavam uma saída para a crise política e social que assolava a Europa no período entreguerras.

Nesse contexto, surgiram líderes autoritários que prometiam restaurar a ordem e a grandeza da nação, apelando para o nacionalismo, o anticomunismo e a supremacia da raça ou cultura dominante. De acordo com Calazans Falcon (1974), o fascismo não foi uma ideologia homogênea, mas sim um movimento multifacetado, que apresentou variações de acordo com as especificidades históricas e culturais de cada país. No entanto, em geral, o fascismo se caracterizou por um forte culto à personalidade do líder, pela intolerância com opositores políticos e grupos minoritários, e pela defesa da violência como instrumento legítimo de ação política.

Exaltando valores relacionados ao coletivo e ao nacionalismo, o movimento fascista defendia a superioridade do Estado, devendo o cidadão subordinar-se a ele. Todavia, esse movimento também defendeu o Estado como uma unidade, compreendendo-o de forma completa como um segmento onde não se poderia tolerar a divisão de poderes.

Nas palavras de Benito Mussolini:

Não é a Nação que cria o Estado, como sucedia na velha concepção naturalista que servia de alicerce aos estudos dos publicistas dos Estados Nacionais do século XIX. Pelo contrário, a Nação é criada pelo Estado, o qual dá ao povo, consciente da sua própria unidade moral, uma vontade e, por conseguinte, uma existência efectiva (MUSSOLINI *apud* CARVALHO, 2007, p. 7).

Dessa forma, para Mussolini, somente o fascismo poderia proporcionar o desenvolvimento da nação italiana, mesmo que para isso fosse preciso sacrificar o seu povo na guerra. Por outro lado, o Estado nacional-socialista da Alemanha, embora

¹ Fase de difusão das ideias sobre a democratização no período de ascensão do povo ao cenário da política, conhecida também como a Era das Multidões.

também fosse totalitário, tinha uma abordagem diferente no que diz respeito à relação da nação com o Estado. Conforme Carvalho (2007), a população alemã era vista como um elemento central, sendo compreendida a partir da perspectiva histórica e biológica da raça. Nessa visão, o Estado nascia da raça alemã, tendo como função unir e difundir a sua superioridade racial.

Segundo Carvalho (2007), por não acreditarem que todos os homens são iguais perante a sociedade, os fascistas se opõem aos números, ao direito ao voto e às massas. A partir disso, origina-se a elite, a ideia de superioridade e da aptidão. Esses superiores não são somente os que governam o país ou os da raça eminente, mas são, de forma ampla, os militares e os guerreiros, os membros dos partidos fascistas e os indivíduos do sexo masculino.

Oposto à crítica, à apuração e inventor de determinadas doutrinas, o fascismo totalitário rejeita a verdade racionalista da cultura do ocidente. Longe disso, preza pelo fanatismo e a comoção nacionalista, não somente no que se refere ao Estado e a Nação, mas igualmente para com o seu chefe. Seu ideal e marca é “Um Povo, um Império, um Chefe” (BEZIMENSKI, 2009, p. 47).

O movimento fascista se perpetua com uma nação servil, carente de criticidade e de autonomia, porém com uma consciência de coletividade. Os princípios do fascismo são disseminados tendo como principal alvo o público jovem, já que as crianças são consideradas como pertencentes ao Estado mais do que à própria família (CARVALHO, 2007).

Segundo Carvalho (2007), as bases sociais onde o fascismo se apoiou são heterogêneas. São elas: as classes médias dos comerciantes menores prejudicados pelo capitalismo; a classe de funcionários rebaixados por causa da inflação; os dirigentes da economia, do exército, da cultura e da Igreja, que buscam garantir seus privilégios; e, até das classes laboriosas que buscam uma vida mais digna e com direito ao bem-estar, por meio do desemprego.

Durante o período entre as duas guerras mundiais, a Europa foi palco de uma série de movimentos políticos de extrema-direita que resultaram em revoluções, ditaduras e regimes autoritários em vários países. O fascismo, em particular, surgiu como uma ideologia política que rejeitava o liberalismo, o socialismo e a democracia e buscava estabelecer um estado autoritário e totalitário baseado na supremacia da nação e da coletividade em detrimento dos direitos individuais. Essas revoluções de direita tiveram

consequências significativas e duradouras na história europeia, especialmente na Segunda Guerra Mundial e em seus efeitos pós-guerra, conforme veremos no tópico a seguir.

Revoluções de direita na Europa entreguerras

Entre todos os movimentos de direita que surgiam dentro da Europa, dois específicos ganharam destaque por terem assumido o poder dentro de seus países: o fascismo italiano e o nazismo alemão. Segundo Paxton (2007), todos os países da Europa do século XX que adotaram uma política de massas, tinham seus ideais próximos do fascismo.

De fato, esses dois movimentos obtiveram êxito em seus países, destacando aqui a sua influência em muitos outros países.

[...] o fascismo, primeiro em sua forma original italiana, depois na forma alemã do nacional-socialismo, inspirou outras forças antiliberais, apoiou-as e deu à direita internacional um senso de confiança histórica: na década de 1930, parecia a onda do futuro (HOBSBAWN, 1995, p. 116).

Podemos perceber a influência que o fascismo e o nacional-socialismo tiveram em outros movimentos políticos antiliberais ao redor do mundo. Esses movimentos encontraram no fascismo uma inspiração ideológica e um modelo de organização política que parecia eficaz e atraente para lidar com os desafios da época.

No entanto, para entender o fascismo em si, é importante compreender as manobras utilizadas pelos seus líderes até a chegada ao poder. Antes de ter todo o seu poder, o partido fascista teve que fazer alianças com outros partidos e tentou a todo momento mostrar que seus ideais revolucionários eram favoráveis para todos e que sua política iria beneficiar todos os partidos existentes (PAXTON, 2007).

Para Paxton (2007), uma característica que diferenciava o fascismo italiano e o nazismo alemão dos demais movimentos fascistas da Europa era a ambição de seus líderes. De fato, tanto um quanto outro, em algum momento, tiveram que abrir mão de alguns de seus ideais para conseguir um apoio político ou formar uma aliança, todavia, sempre com o objetivo de assumir o poder total de seus países.

As opções pragmáticas feitas por Mussolini e por Hitler foram motivadas por sua sede de êxito e poder. Mas nem todos os líderes fascistas tinham tantas ambições. Alguns preferiam manter “puros” seus movimentos, mesmo ao preço de permanecer à margem da vida política (FURET, 1995, p. 199).

É possível perceber que nem todos tinham a mesma ambição de poder que Mussolini e Hitler. Isso é importante porque nos ajuda a compreender que o fascismo não é um fenômeno homogêneo e que cada líder ou movimento tem suas particularidades. Além disso, a construção de alianças políticas, mesmo que com partidos considerados "inimigos ideológicos", foi uma das estratégias utilizadas pelos partidos fascistas para ganhar força e apoio da população. Essa tática de alianças pragmáticas foi adotada tanto pelo fascismo italiano quanto pelo nazismo alemão (PAXTON, 2007).

É importante também destacar que a propaganda e a retórica eram ferramentas fundamentais na sedução popular e na mobilização da base de apoio dos partidos fascistas. Os líderes fascistas utilizavam discursos inflamados e populares para cativar as massas, enfatizando a necessidade de uma revolução nacional, a restauração da grandeza da nação e a eliminação de supostos inimigos internos e externos. Esses discursos eram muitas vezes acompanhados por demonstrações de força e mobilizações de massa, que buscavam transmitir a imagem de um movimento forte, coeso e determinado a conquistar o poder (GRIFFIN, 1995).

Portanto, o fascismo é um fenômeno político complexo e multifacetado, e estudá-lo requer uma abordagem cuidadosa e atenta às nuances de cada movimento e líder fascista. A busca pelo poder era um elemento central no fascismo, e líderes como Mussolini e Hitler foram motivados por sua ambição pessoal de conquistar o poder absoluto. No entanto, outros líderes fascistas preferiram manter a pureza de seus movimentos, mesmo ao custo de permanecerem à margem da vida política.

As estratégias adotadas pelos partidos fascistas, como a formação de alianças políticas com outros partidos e a utilização de propaganda e retórica inflamada, foram fundamentais para a conquista do poder e para a mobilização popular. O estudo cuidadoso dessas estratégias e de seus resultados pode nos ajudar a compreender melhor a ascensão do fascismo e a evitar sua repetição no futuro.

O movimento fascista ganhou adeptos em diversos países europeus, sendo que na Itália, o movimento liderado por Benito Mussolini tornou-se um dos mais importantes e bem-sucedidos, alcançando a ascensão ao poder em 1922. Nesse contexto, no tópico a seguir analisaremos como os ideais fascistas se difundiram e ganharam adesão na sociedade italiana, e quais foram os fatores que contribuíram para o sucesso político do partido fascista no país.

Ascensão dos ideais fascistas entre o povo italiano

De acordo com Furet (1995), pode-se compreender o fascismo italiano como uma reação à intimidação do Bolchevismo ao país. O fascismo em si tira a sua força da mesma fonte que o Bolchevismo: a guerra. Ela permite mobilizar paixões revolucionárias modernas, porém segue um caminho diferente da ditadura do proletariado, pois aqui o centro é o Estado-Comunidade Nacional.

É necessário lembrar que o fascismo, antes de tudo, inclusive de ser uma doutrina, é uma organização paramilitar e conta igualmente com as forças armadas, por isso desde o seu início vemos características militarizadas. Mussolini nem sempre apoiou a participação nas guerras, se posicionando contra a entrada da Itália na Primeira Guerra até 1915. Assim como a maioria dos socialistas, ele era contra a participação da Itália na guerra, mas sua opinião logo mudou de forma radical, o que o fez romper com o Partido Socialista Italiano.

Todo o contexto no qual esses líderes viviam favorecia isso. Não foi por ser o homem de determinada doutrina que Mussolini foi vitorioso em 1922, mas sim porque os seus concorrentes não eram fortes, ou porque eram covardes, ou as duas coisas (FURET, 1995).

A violência foi utilizada desde os primórdios dos movimentos fascistas, seja para a coerção e intimidação de seus inimigos políticos, como os partidos socialistas, seja apenas para mostrar a sua força militar. Entretanto, nem sempre o uso da violência era viável, até mesmo para não despertar motins antifascistas de grandes proporções. Assim, conforme Konder (1977), Mussolini criou justificativas e deu nome aos modos do uso da violência buscando não ser contrariado, até mesmo por seus seguidores.

Dessa forma, o governo justificava seus atos de violência como necessários para manter a ordem, pois eliminar o inimigo que vinha contra esses ideais nacionalistas e de recuperação econômica era extremamente importante para que essa ordem fosse mantida. É importante ressaltar que a própria população italiana contribuiu com essa prática de violência através de denúncias.

De acordo com Furet (1995), o fascismo antes de se tornar o que foi, teve que primeiro formar alianças com as elites para uma maior obtenção do poder, pois disso ele tem a cobiça, a filosofia e a ação. Existia um contexto europeu que ajudou para que essa elite cedesse todo o poder à Mussolini por meio de um acordo. Quando Mussolini trai

esse movimento, ele consegue escapar desses líderes e até mesmo das leis, que a ele já não se aplicam, devido ao seu poder.

Uma evidência clara de que Mussolini já havia instaurado um regime é que, em 1938, quando é feita a aliança com a Alemanha Nazista, o fato não é comunicado a ninguém dessa elite e é decidido único e exclusivamente por ele. Assim, não podemos dizer que o fascismo é um ponto de oposição ao Bolchevismo ou, em certo sentido, contra a burguesia dominante, mas sim um movimento muito mais amplo e estruturado, que aborda uma amplitude de ideias e situações (FURET, 1995). Aqui vale ressaltar que, apesar dos discursos de Mussolini irem de encontro à elite burguesa da época, esta entendia o fascismo como um “mal necessário” para a manutenção e garantia da representação de seus interesses e privilégios e, principalmente, para o combate dos movimentos de esquerda que estavam tomando grande impulso na Itália nesse período. Dessa forma, mesmo que Mussolini tenha escolhido propagandear a imagem de tomada do poder pela força, a sua ascensão ao poder se deu por vias legais, com o apoio da classe burguesa.

Para Caron (2015), o movimento fascista não surgiu pronto. De acordo com o autor, Mussolini jamais planejou ou elaborou diretrizes para o seu movimento e partido ideal. Essas diretrizes só começaram a aparecer em registros escritos a partir do ano de 1932, sendo que as primeiras podiam ser lidas na obra *Doutrina do Fascismo*. A ausência desse direcionamento teórico do fascismo “[...] permitiu que várias pessoas se juntassem a ele, trazendo consigo novas ideias, as quais iam se atrelando a outras que iam deixando de existir” (CARON, 2015, p. 4).

O fascismo, em seu início, tinha ideias parecidas com os partidos socialistas no sentido de pensar no lado populacional, porém quando se torna mais forte e, principalmente, quando começa a receber ajuda de algumas classes burguesas, este começa a combater tais partidos socialistas, até chegar ao ponto desses partidos abrirem o caminho para Mussolini (FURET, 1995).

Os partidos burgueses tiveram sim muita importância para a subida do fascismo ao poder, mas não se pode pensar que tal ascensão só aconteceu devido esse apoio. Na realidade, para Furet (1995), o sucesso de Mussolini é logrado muitos anos antes da *Marcha sobre Roma*, pois o movimento fascista alcançou o poder muito antes de tê-lo em mãos, afinal, se Mussolini já tem força em 1922, é porque seu exército já dominava, e ganhava cada vez mais força popular por onde passava, meses antes da *Marcha*.

Ainda na concepção do autor, apenas a sensação de frustração nacional deixada pelo final da *Primeira Guerra Mundial* não seria suficiente para impulsionar a ascensão de Mussolini, assim, a ideia de anticomunismo também ajudou nessa impulsão. O fascismo oferece à direita uma revolução para a população, os modelos bolchevistas de propaganda, trazendo a ideia de uma revolução feita para o povo. A derrota dos partidos socialistas dentro da Itália dá ainda mais força ao movimento fascista, fazendo disso o seu renascimento.

Os antigos políticos não eram acostumados a lidar com as massas, ou seja, não sabiam lidar com a população de forma direta, diferentemente dos socialistas, populares e fascistas, que conseguiam estabelecer uma boa comunicação com as pessoas. O único destes movimentos que não parecia apresentar riscos para o primeiro-ministro Giolitti era o fascista. Assim, para ele, a contribuição fascista auxiliaria no impedimento da ascensão do socialismo (CARON, 2015, p. 89).

O discurso foi sempre muito bem trabalhado e utilizado pelo fascismo e, portanto, acredita-se que todo o triunfo de tal movimento se deu por causa dele. Foi através dele que de fato conseguiu-se mostrar seus ideais e intenções. Tanto Hitler quanto Mussolini tinham maestria no uso da oratória, exemplo desse uso eram os cultos fascistas, no qual eles utilizavam elementos para causar euforia e encanto de seu público.

Para Hobsbawm (1995) apesar da Itália ter dado origem e nome ao fenômeno do fascismo, ela sozinha não conseguiu alcançar grande visibilidade internacional e, se não fosse pela vitória de Hitler no ano de 1933 na Alemanha, o fascismo não seria um movimento reconhecido mundialmente. No entanto, por meio de estudos historiográficos recentes sabemos que essa é uma ideia historicamente falsa, pois o desenvolvimento do fascismo na Inglaterra, na Espanha e em Portugal, dentre outros países, evidencia que esse tipo de movimento de extrema direita passou a ser instrumento recorrente do capitalismo imperialista em países em situação bem diferentes entre si.

Nazismo alemão: o império de Adolf Hitler

Na atualidade, quando se fala em *fascismo* ou *nazismo*, o primeiro nome que nos vem à cabeça é o de Hitler e, de fato, pode-se afirmar que até hoje a palavra “nazismo” tem mais impacto nos meios sociais. Apesar de o início de todo o movimento fascista ter ocorrido na Itália, a Alemanha de Hitler obteve maior

notoriedade internacional e influenciou mais os outros movimentos fascistas do que a própria Itália.

De fato, o exemplo mais conhecido dos regimes fascistas é o da Alemanha Nazista. A classificação de governo, que coloca o fascismo e o nazismo como semelhantes e com os mesmos ideais, vem da História das Ideias e da História das Intenções, devido a forma da intenção revolucionária, ou das suas bases ideológicas como o ideal de nação e raça (FURET, 1995).

Entretanto, importante ressaltar que a radicalidade na qual o nazismo impôs seus ideais, distingue suas características do fascismo, pois o fascismo “[...] não tem a sua capacidade totalitária, não destrói o Estado, mas o dirige; enfim, fabrica, longe disso, um desastre nacional da mesma ordem” (FURET, 1995, p. 222).

Para Furet (1995), Hitler e Mussolini podem até terem reivindicado as mesmas ideias, mas só Hitler utilizou o termo “raça” na impregnação do ideal nacionalista, mesmo que após a formação da aliança entre os dois movimentos, a Itália tenha aderido aos mesmos ideais radicais como na Alemanha. Entretanto, nada comparada à escala que Hitler fez.

A Alemanha teve um processo de formação social atípico dos outros países europeus. No período que conhecemos hoje como Idade Média, vários países que na época eram Estados feudais se tornaram Estados absolutistas, demarcando territórios e concentrando um poder maior nas mãos dos seus reis. Já na Alemanha, vemos um movimento contrário, onde o imperador foi perdendo força e os príncipes regionais assumiram o poder de determinadas regiões (ELIAS, 1997).

As propagandas também foram uma estratégia utilizada por Hitler, que para isso necessitava de capital. Desde sua origem, tanto o Fascismo Italiano quanto o Nazismo Alemão foram financiados pelos donos de indústrias, banqueiros, entre outros, mas nisso o nazismo se destacava, pois Hitler, em seus discursos, profetizava um vislumbre econômico nacional, encantando os grandes representantes industriais.

O grande acontecimento para a ascensão nazista foi a crise de 1929. A crise fez com que um quarto da população ficasse desempregada e, para piorar, o

comportamento do governo da *República de Weimar*² diante do *Plano Young*³ gerou uma revolta popular e uma aversão ainda maior ao governo. Isso ocorreu devido ao fato de que a República de Weimar nunca alcançou legitimidade geral na Alemanha, pois o mesmo era ligado ao domínio estrangeiro às terras alemãs e o ideal nacionalista estava impregnado dentro da população alemã muito antes do nazismo (PAXTON, 2007).

A propaganda nazista não consistia apenas de discursos pacíficos pois seu objetivo maior era aguçar a paixão da população, então ela era quase que pessoal, tendo uma direção e um propósito. Elementos como o nacionalismo eram diretamente ligados aos compatriotas que morreram na Primeira Guerra Mundial, e também ao sentimento de derrota que todo o povo tinha consigo. Portanto, Hitler utilizou de elementos que eram base do movimento fascista e arranjou um culpado para a derrota na guerra: o judeu.

Os discursos de Hitler e Mussolini

No processo de construção do fascismo, desde sua criação até sua disseminação por toda a Europa, o uso do discurso foi sempre algo muito recorrente para que seu movimento obtivesse sucesso. Segundo Orlandi (2009), a linguagem está materializada na ideologia e a ideologia se manifesta na língua.

Dessa forma, aqui damos início ao processo de análise do *corpus* discursivo. Todas as enunciações utilizadas aqui serão contextualizadas de forma política e social, pois segundo a metodologia da *análise de discurso* isto é fundamental para compreendermos o sentido produzido pelos discursos.

Trabalhamos com a categoria de discurso como “palavra em movimento, prática de linguagem” (ORLANDI, 2009, p. 15). Em outras palavras, a análise de discurso não vai analisar o texto apenas pelo texto, mas sim, contextualizar com o momento histórico no qual o texto foi proferido e buscar seus efeitos na sociedade. Para tanto, iremos apresentar alguns discursos que evidenciam os caminhos que Mussolini e Hitler

² A República de Weimar é a designação histórica pela qual é conhecida a república estabelecida na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial em 1919 e que durou até ao início do regime nazista em 1933.

³ O Plano Young criou o Bank for International Settlements (BIS), em novembro de 1929, ajudando a Alemanha na distribuição das reparações para os países aliados, buscando viabilizar o pagamento das dívidas que o país possuía após o final da Primeira Guerra Mundial, decorrentes do Tratado de Versalhes.

percorreram para alcançar seu objetivo: conquistar a massa populacional. Assim, procuramos identificar também as semelhanças dentro dos discursos de Hitler e Mussolini, que projetam com clareza as características gerais do movimento fascista.

Ao aplicarmos a análise de discurso aos discursos de Hitler e Mussolini, buscamos a compreensão de como os textos produzem sentidos simbólicos e como eles impactaram naqueles sujeitos. Afinal, todo discurso está ligado a condições de produção. Todo discurso formulado é carregado de sentidos, que foram formados em um contexto sócio-histórico e ideológico. As condições de produção do discurso atendem as demandas de um grupo, indo além do contexto de uma época, pois visa o controle, a produção e uso da memória para a construção do imaginário social (ORLANDI, 2009).

Como vemos em uma parte do *Discurso de Udina*, Mussolini afirma em todo momento que a disciplina é algo importante para que a Itália consiga se reerguer e se impor aos países que a prejudicaram no final da Grande Guerra de 1918. Esses argumentos influenciam no quesito de não ter oposição por parte da população às medidas tomadas pelo governo. Se compararmos com os discursos de Hitler, o mesmo também citava sobre a disciplina do povo mediante tudo o que acontecia dentro do país.

Eu sou pela mais rígida disciplina. Devemos impor a nós próprios a mais férrea disciplina, porque doutro modo não temos o direito de impô-la à Nação. E é só através da disciplina da Nação que a Itália poderá fazer-se sentir no concerto das outras nações. A disciplina deve ser aceite. Quando não é aceite, deve impor-se. Repudiamos o dogma democrático de que se deve agir eternamente por meio de prédicas, sermões e sermonetes de natureza mais ou menos liberal (MUSSOLINI, 1935, p. 9).

É nítido em seus discursos como Mussolini tinha o domínio de todo o contexto histórico europeu e como utiliza de argumentos e comparações para justificar o uso da violência. Dessa forma, Mussolini denomina o que é uma violência boa e moral para o funcionamento de um país e o que é uma violência ruim, já citando como exemplo o uso errôneo da violência feito pelos comunistas e pela União Soviética.

É possível notar os meios utilizados por Mussolini para tirar o peso do uso da violência de seu partido e como ele a direciona, pois esta nunca é dirigida para a população e sim para os inimigos da nação. Isso está explícito no trecho “a nossa violência é uma brincadeira de crianças”, onde Mussolini além de justificar o uso da violência, busca suavizá-la, comparando-a a uma brincadeira infantil, algo ingênuo e puro, desprovido de maldade.

E chego agora ao tema da violência. A violência não é imoral. A violência é algumas vezes moral. Contestamos a todos os nossos inimigos o direito de se queixarem da nossa violência, porque comparada à que se praticou nos anos infaustos de 19 e 20, comparada à dos bolchevistas da Rússia, onde dois milhões de pessoas foram executadas e outros dois milhões jazem ainda nos cárceres, a nossa violência é uma brincadeira de crianças (MUSSOLINI, 1995, p. 7).

O uso da violência sempre foi algo defendido pelos líderes fascistas, e como vemos nesse trecho, Mussolini utiliza de argumentos para justificar o uso da violência. Vale ressaltar que o mesmo sempre direcionava contra quem essa violência seria utilizada e, mais importante que isso, ele utiliza de meios para expor que isso seria algo positivo não só para o governo, mas também para todo o país, seria importante para o sucesso e bem-estar populacional.

Assim, quando ela resolve uma situação gangrenosa, a nossa violência é moralíssima, sacrossanta e necessária. Mas, ó amigos fascistas - e falo aos fascistas da Itália inteira - é necessário que a nossa violência possua caracteres específicos, fascistas. A violência de dez contra um é de repudiar e condenar. A violência que não se explica deve ser repudiada. Há uma violência que liberta e uma violência que acorrenta; há uma violência que é moral e uma violência que é estúpida e imoral (MUSSOLINI, 1995, p. 29).

Vemos claramente como Mussolini usa do contexto político caótico liberal no qual a Itália estava passando para impor seu modelo fascista e como esse modelo era totalmente contrário do modelo liberal. Dessa forma, a violência era mais do que justificável, era necessária para que se alcançasse o sonhado sucesso. De acordo com Bosworth (2002), um dos objetivos imediatos na política de Mussolini era criar um Estado forte e unificado, capaz de mobilizar as massas para alcançar seus objetivos políticos.

Para isso, Mussolini adotou políticas autoritárias e nacionalistas, como a censura da imprensa, a perseguição aos oponentes políticos e a propaganda em massa para difundir sua ideologia fascista. Além disso, o governo Mussolini investiu pesadamente em infraestrutura, especialmente na construção de rodovias e na modernização do setor industrial, visando transformar a Itália em uma potência econômica.

Nos discursos de Mussolini é nítida a forma como ele trabalha os conceitos do fascismo. A “multidão” sempre foi muito citada em suas falas e trabalhada dentro de seu regime, pois o governo sempre tentava trazê-la para próximo de si. Entretanto, em seus discursos, é possível ver que Mussolini critica a maneira como essa ideia da massa era trabalhada nos regimes liberais e, principalmente, no regime comunista, deixando claro que esta deve ser sempre submissa ao regime e nunca o contrário.

Outro argumento pode prestar-se às esperanças dos nossos adversários: o argumento multidão. Vós sabeis que eu não adoro a nova divindade: a multidão, que é uma criação da democracia e do socialismo. Só pelo fato de serem muitos devem ter razão: - de maneira nenhuma. Muitas vezes é o contrário que se verifica, quer dizer, é o número que se opõe à razão. Sempre a história demonstrou que minorias exíguas a princípio produziram profundas modificações na sociedade humana. Não adoramos a massa, mesmo quando ela possua nas mãos e no cérebro os mais sacrossantos calos: pelo contrário, trazemos a exame dos fatos sociais concepções e elementos novos, pelo menos, no ambiente italiano (MUSSOLINI, 1995, p. 30).

Dessa maneira, fica evidente a crítica de Mussolini ao comunismo e ao que ocorreu na União Soviética em 1917. Podemos notar o estereótipo de cidadão e governo que Mussolini pregava e como ele ligava o sinônimo de força ao fascismo, ao mesmo tempo em que ligava o sinônimo de fraqueza aos modelos políticos anteriores, se aproveitando não só do contexto histórico recente da Itália, mas também da descrença da população à política.

Mas os nossos políticos conduziram a guerra como teriam conduzido um negócio de administração vulgar. Estes homens que todos nós conhecemos, e cuja imagem física trazemos no pensamento, apresentaram-se fracos, impotentes, cansados e vencidos (MUSSOLINI, 1995, p. 30).

Observando o trecho acima, podemos perceber que a grande jogada de Mussolini era direcionar os erros cometidos e caracterizar de forma negativa o governo anterior, bem como seus representantes.

Na Alemanha, temos um cenário discursivo importante para o desenvolvimento do nazismo. Afinal, esse país foi o que mais sofreu consequências com o final da Primeira Guerra Mundial, não só pelos tratados que a culpavam pela guerra, mas pelo sentimento de derrota que surgiu no povo. Uma característica muito presente nos discursos de Hitler era o encorajamento da população para que fosse à luta e alcançasse os seus objetivos (ARAÚJO, 2019). Assim, ele trazia para as pessoas a responsabilidade do sucesso do país e, portanto, tudo deveria ser conseguido através de suas lutas e vitórias, como vemos a seguir: “Sabemos que nada é entregue gratuitamente a um povo. Tudo deve ser conquistado através de lutas. Não existe nada que você tome posse antes de aprender e instilar a si mesmo” (HITLER, 1934, p. 1).

Hitler instalou a formação de um novo *Reich* e a base desse *Reich* era a nação como um corpo único. Era importante para o movimento que as pessoas estivessem ligadas a uma mesma ideia para que não houvesse divergência de pensamentos entre elas.

Podemos perceber as bases anticapitalistas e antissocialistas presentes em seus discursos, bem como os pedidos de submissão do povo ao partido, pois outra característica forte desses discursos eram as falas que zelavam pela obediência e lealdade:

Nós não queremos mais ver classes e status sociais diferentes, então vocês não podem permitir-se nutrir atitudes que promovam essas coisas. Nós queremos ver um *Reich*, e mesmo agora vocês devem treinar vocês mesmo para isso em uma organização. Nós queremos que nossa gente seja leal, e vocês deverão aprender essa lealdade. Nós queremos que nossa gente seja obediente, e vocês deverão treinar a obediência. Nós queremos que nossa gente seja amante da paz, mas também valente. Ainda que pronta para a paz (HITLER, 1934, p. 1).

É nítida a forma como Hitler se aproveita do momento que a Alemanha vivia, de instabilidade financeira e descrença na política, passando a responsabilidade da recuperação da nação para a população, como podemos observar no recorte abaixo:

Nós não queremos que nosso povo seja fraco, mas que ele seja resistente a fim de suportar as dificuldades da vida. E você deve treinar você mesmo para isso na juventude. Nós queremos que nosso povo ame a honra, e você deve se entregar ao princípio da honra logo nos primeiros anos de juventude. Tudo o que nós esperamos da Alemanha nos próximos anos, nós esperamos de vocês, garotos e garotas (HITLER, 1934, p. 1).

Hitler busca justificar as atitudes tomadas pelo governo, com o objetivo de fazer com que o povo não sinta culpa ou remorso por qualquer atrocidade cometida. Logo após, ele emenda com uma fala de ideal nacionalista: “Mas em vocês, a Alemanha viverá”. Aqui pode-se perceber que Hitler traz novamente a responsabilidade dos acontecimentos do país para as pessoas.

Vocês devem praticar tais coisas, e com isso, contribuir para o futuro. Não importa o que criamos hoje e o que fazemos, um dia deixaremos esse mundo. Mas em vocês, a Alemanha viverá. E quando não restar nada de nós, vocês devem carregar a bandeira em suas mãos - a bandeira que uma vez erguermos a partir do nada (HITLER, 1934, p. 2).

Diante de toda a situação que a Alemanha viveu até 1934 com a derrota na Primeira Guerra em 1918 e de tudo que o povo sofreu nos anos seguintes, que piorou ainda mais devido à Crise de 1929, se tornou importante por meio dos discursos amenizar o peso do passado e dar esperança à população.

Hitler tinha domínio do contexto histórico e podemos ver isso com clareza dentro dos seus discursos. Ele sabia que o povo estava desacreditado em relação à política e aproveitou os resultados positivos de seu governo já no seu primeiro ano no poder. Suas frases faziam efeito devido aos termos utilizados e atribuíam o sucesso da reconstrução da Alemanha, principalmente o sucesso econômico, às pessoas. Assim, por meio de seus

discursos Hitler enaltecia a obediência da população, sempre utilizando frases nacionalistas no meio de seus elogios, como vemos no recorte abaixo:

A Alemanha olha para vocês com orgulho. Os corações de todos aceleram de alegria quando olhamos para vocês. Nós olhamos para vocês com a promessa que nosso trabalho não foi em vão e percebemos que isso trará frutos para nosso país. Todos nós estamos agarrados em uma felicidade orgulhosa por ver em vocês o cumprimento do nosso trabalho. Com isso nós temos a garantia de que aqueles que morreram na Primeira Guerra Mundial - o grande número de camaradas nossos - não fizeram um sacrifício pela Alemanha em vão, e no final um povo espirituoso, livre, e amante da honra irá emergir (HITLER, 1934, p. 2).

Aqui o que mais vemos são frases de efeito que possuem como objetivo transformar público e o partido em um único corpo. Ressaltamos que toda essa análise é feita em apenas um discurso de Hitler e, dessa forma, podemos observar a quantidade de vezes que ele enfatiza os mesmos ideais usando frases diferentes como estratégia para persuadir seu público.

E eu sei que isso não pode ser de outra maneira porque vocês são carne da nossa carne e sangue do nosso sangue, e nas suas mentes jovens queima o mesmo espírito que nos conduz. Vocês não poderão estar de outra maneira, senão ligados a nós. E quando a grande procissão do nosso movimento marchar gloriosamente pela Alemanha hoje, então saberemos que vocês se juntarão a essas colunas, e saberemos que antes de nós vem a Alemanha. Em nós marcha a Alemanha. E depois de nós virá a Alemanha! (HITLER, 1934, p. 2).

Como podemos observar, o modo como Hitler trabalhava, como transpassava a ideologia nazista, fazia com que uma sociedade desacreditada não só da política, mas sim de uma prosperidade nacional voltasse a sonhar com tempos melhores, tivesse esperança não na política e sim no futuro do país, “a ideologia de Hitler oferecia um meio pelo qual as suas fantasias podem ser expressadas e descarregadas no nível de realidade social, e por isso devemos destacar o poder da retórica dentro dos movimentos. Hitler buscava dar esperança para a população, afirmando que dela dependia o futuro do país.

Assim, diante de tudo o que foi tratado neste trabalho, sobre como funcionava as características dos regimes fascistas e o papel do discurso para o sucesso desses movimentos, aqui referindo-se mais especificamente ao regime italiano e do alemão, podemos observar diversas semelhanças nos discursos realizados por Hitler e Mussolini.

Considerações finais

Ao observar algumas similaridades presentes nos discursos de Mussolini e Hitler, vemos que esses dois líderes pregavam pela mesma ideologia e usavam dos mesmos mecanismos e praticamente das mesmas falas para impor suas ideias. Algumas características do movimento podem ser observadas dentro dos discursos, bem como certas similaridades dos ideais dos dois líderes.

Dentre as semelhanças identificadas nos discursos, destacamos que tanto Hitler quanto Mussolini prezavam pela obediência e lealdade, afirmando por meio de seus discursos que somente por meio delas a nação conseguiria se reerguer. A violência, segundo eles, tinha justificativa e seria o “meio” de chegar ao objetivo final, o que tirava o peso dos atos violentos cometidos.

Vemos o lugar e a posição dos sujeitos tanto na formação dos discursos pelos líderes, quanto na aceitação do povo. Esses elementos, isto é, a relação entre lugar e a posição dos sujeitos, causam um efeito de sentido entre os interlocutores, dado que todo discurso produzido está vinculado a um contexto social, institucional e imaginário. O povo era responsável pela recuperação do país e a única esperança que restava para a nação. Este povo não podia ser qualquer povo, mas um povo forte, valente, leal e pronto para fazer o que fosse necessário para alcançar a vitória.

Portanto, por meio deste trabalho procuramos evidenciar que Hitler e Mussolini deram vida ao fascismo e o seu advento ocorreu, dentre outras causas que aqui não foram destacadas, por conta do modo como os discursos foram utilizados por esses líderes. As semelhanças e diferenças identificadas nos discursos de Mussolini e Hitler nos permitem entender melhor as dinâmicas do movimento fascista na Europa e como o discurso político pode ser usado para mobilizar as massas e justificar a violência e a opressão. Salientamos que não pretendemos aqui esgotar o assunto tratado, pois é evidente a necessidade de estudos posteriores, que talvez com mais tempo e recursos abordem de forma mais profunda a utilização dos discursos por esses dois importantes líderes fascistas.

THE CONSTRUCTION AND ACCEPTANCE OF FASCIST DISCOURSES IN THE EARLY 20TH CENTURY

Abstract: Currently, the fascist movement is still a very controversial topic, which generates several discussions among historians. Considering the great movement that took place within Europe in the first half of the twentieth century, having its origin in Italy and spreading to other countries, mainly in Germany, this study seeks to discuss how different interpreters of European fascism explained the construction and acceptance of the discourses fascists and the role of discourse in understanding the dynamics of these movements. We conclude that the two leaders preached the same ideology and used the same mechanisms and practically the same speeches to impose their ideas; in addition, all the characteristics of the movement are very evident within the speeches, as well as the similarities of the ideals of the two leaders.

Keywords: Fascism. Speech. Mussolini. Hitler.

LA CONSTRUCCIÓN Y ACEPTACIÓN DE LOS DISCURSOS FASCISTAS A PRINCIPIOS DEL SIGLO XX

Resumen: Actualmente, el movimiento fascista sigue siendo un tema muy controvertido, que genera varias discusiones entre los historiadores. Considerando el gran movimiento que tuvo lugar dentro de Europa en la primera mitad del siglo XX, que tuvo su origen en Italia y se extendió a otros países, principalmente a Alemania, este estudio busca discutir cómo diferentes intérpretes de los fascismos europeos explicaron la construcción y aceptación de los discursos fascistas y el papel del discurso en la comprensión de la dinámica de estos movimientos. Concluimos que los dos líderes predicaron la misma ideología y utilizaron los mismos mecanismos y prácticamente los mismos discursos para imponer sus ideas, además de que todas las características del movimiento son muy evidentes dentro de los discursos, así como las similitudes de los ideales de los dos líderes.

Palabras clave: Fascismo. Discurso. Mussolini. Hitler.

Referências

ARAUJO, G. C. Releitura de obra de arte na educação escolar: um estudo de caso. **Anais do III Congresso Internacional: trabalho docente e processos educativos (EPEDUC)**, Uberaba - MG, 2015.

ARAÚJO, J. M. **Nas fronteiras da história: uma análise dos discursos de Hitler (1933 - 1934 - 1938)**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

ARENDT, H. **As origens do totalitarismo**. Trad. R. Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BERTONHA, J. F. Sobre fascismos e ditaduras: a herança fascista na formação dos regimes militares do Brasil, Argentina e Chile. **Rev. hist. comp.**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2015, p. 203-231.

BEZIMENSKI, L. **O Militarismo Alemão com/sem Hitler**. Tradução de Hílcar Leite – Editora Saga: Rio de Janeiro, GB – 1967 – Vols. 1 e 2.

BRAGA, S. C. **A leitura freudiana de Norbert Elias sobre o Nazismo: civilização como produtora de anticivilização.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás, 2018, p.107.

BOSWORTH, R. J. B. **Mussolini.** London: Arnold Publishers, 2002.

CALAZANS FALCON, F. J. **Origens históricas dos movimentos fascistas.** In: RODRIGUES, A. E. M (org.). **Fascismo.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974. p. 23-46.

CARON, G. R. **Discursos de Benito Mussolini: Permanências e Mudanças (1919-1922).** Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015, p. 56.

CARVALHO, P. C. **O Fascismo e o Nazismo.** CIARI - Centro de Investigação e Análise em Relações Internacionais, 2007.

COURTINE, J. J. **O discurso inatingível: Marxismo e Linguística (1965-1985).** Trad. Heloísa M. Rosário. In: **Cadernos de tradução** – n. 6/jun. 1999. Porto Alegre, p. 99, 1999.

COURTINE, J. J. **Metamorfoses do Discurso Político: derivas da fala pública.** Tradução: Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2006.

DE FELICE, R. **Breve História do Fascismo,** Lisboa, 2005.

DISCURSO de Hitler aos jovens alemães. Disponível em: <https://discursostranscritos.tudoportal.com/2015/03/11/discurso-de-hitler-aos-jovens-alemaes-1934>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

ELIAS, N. **Os alemães.** Rio de Janeiro, Zahar, 1997.

FAUSTO, B. A interpretação do nazismo, na visão de Norbert Elias. **Mana [online].** 1998, vol.4, n.1, pp.141-152.

FAUSTO, B. **O pensamento nacionalista autoritário (1920-1940).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FURET, F. **O Passado de uma Ilusão.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Siciliano, 1995.

GRIFFIN, R. **The Nature of Fascism.** Routledge, 1995.

HOBSBAWM, E. J. **A Era dos Extremos - o breve século XX (1914-1991).** 2 ed. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Cia das Letras, 1995, p. 115.

KOENIGSBERG, R. **Hitler's ideology: A study in psychoanalytic psychology.** New York: **Library of Social Sciences,** 1975 p. 85.

KONDER, L. **Introdução ao Fascismo.** Rio de Janeiro. Edições do Graal, 1977.

PAXTON, R. O. **A Anatomia do Fascismo** – Tradução de Patrícia Zimbres e Paula Zimbres – São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PÊCHEUX, M. Delimitações, Inversões, Deslocamentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 19. Campinas: Unicamp. 1990, p. 7-24.

MUSSOLINI, B. **A Doutrina do Fascismo**. Grafiei A. Vallecchi, Viale dei Mille. Firenze, 1935.

MUSSOLINI, B. trad. Francisco Moraes. **Discurso da Revolução**. In FINAL CONFLICT – nº 8, ITP, Londres, Inglaterra, Outono – Inverno/1995.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

PIOVEZANI, C; GENTILE, E. **A linguagem fascista**. São Paulo: Hedra, 2020

ROLLEMBERG, D; QUADRAT, S. V. (org.). **A Construção Social dos Regimes Autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SILVA, C. C. **A didática na perspectiva fenomenológica**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, 2009.

SILVA, F. C. T. **Os Fascismos**. In: O Século XX. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

SILVA, J. C.; ARAÚJO, A. D. A metodologia de pesquisa em análise do discurso. **Grau Zero - Revista de Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, 2017.

WAINER, J. Métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa para a Ciência da Computação. **Atualização em informática**, v. 1, 2007.

SOBRE OS AUTORES

Bruna Teixeira Carneiro é mestre e doutoranda em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); graduanda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

Edufrancys Vieira Sala é graduado em História pela Faculdade Saberes.

Recebido em 05/01/2023

Aceito em 13/06/2023